



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAIBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS LETRAS E ARTES
COORDENAÇÃO DO CURSO DE LETRAS PORTUGUÊS

GABRIELA ROCHA VITAL

COMO ALCANÇAR “100 MIL SEGUIDORES”: JUVENTUDE MUTILADA
EM OBRA DE LUÍS DILL

João Pessoa

2023

GABRIELA ROCHA VITAL

**COMO ALCANÇAR “100 MIL SEGUIDORES”: JUVENTUDE MUTILADA EM
OBRA DE LUÍS DILL**

Monografia apresentada ao curso de Licenciatura em Letras
Português da Universidade Federal da Paraíba como pré-
requisito para obtenção do grau de licenciada em Letras,
habilitação em Língua Portuguesa.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Daniela Maria Segabinazi.

JOÃO PESSOA

2023

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

V836c Vital, Gabriela Rocha.

Como alcançar "100 mil seguidores":juventude
mutilada em obra de Luís Dill / Gabriela Rocha Vital. -
João Pessoa, 2023.
44 f.

Orientação: Daniela Maria Segabinazi.
TCC (Graduação) - UFPB/CCHLA.

1. Literatura juvenil. 2. Temas sensíveis. 3. Luís
Dill. I. Segabinazi, Daniela Maria. II. Título.

UFPB/CCHLA

CDU 82-93

GABRIELA ROCHA VITAL

**COMO ALCANÇAR “100 MIL SEGUIDORES”: JUVENTUDE
MUTILADA EM OBRA DE LUÍS DILL**

Esta Monografia foi julgada e aprovada para a obtenção do Título de Licenciado em Letras
Língua Portuguesa, no Curso de Licenciatura em Letras da Universidade Federal da Paraíba.

Aprovada em: 01/06/2023.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Daniela Maria Segabinazi – (DLCV/UFPB)
(Orientadora)

Profa. Dr. Fabiana Ferreira da Costa – (DLCV/UFPB)
(Examinadora)

Prof. Dr. Valnikson Viana de Oliveira – (DLCV/UFPB)
(Examinador)

AGRADECIMENTOS

A Deus, por me prover a capacidade, a oportunidade e o privilégio de estudar.

A todos os meus familiares que, direta ou indiretamente, me impeliram à vida acadêmica.

A Daniel, meu noivo, por ter acompanhado a tessitura de cada parte deste trabalho, incentivando-me continuamente com seus elogios.

Aos amigos-irmãos do ministério Chi Alpha, por terem me ensinado que a universidade não é lugar apenas de formação profissional, mas também de busca e comunhão com Deus.

A Darlane, Thaiz, Maria e Severino, pela parceria nas salas de aula e fora delas. A amizade de vocês foi o melhor que a UFPB me deu.

À professora Regina Evangelista, por ter sido, durante minha adolescência e até hoje, uma grande inspiração de pessoa, docente e mulher. Cada avanço estudantil meu é, também, mérito seu.

À professora Daniela Segabinazi, pela competência e presteza demonstradas tanto na ministração de suas disciplinas quanto no papel de orientadora. A partilha de seus conhecimentos e referências foram primordiais à minha escrita. Obrigada pelas correções, sugestões e condução maravilhosa deste trabalho.

À professora Fabiana Ferreira da Costa e ao professor Valnikson Viana de Oliveira, pela honra de aceitarem participar como examinadores da minha pesquisa.

Aos demais amigos e professores com quem tive a oportunidade de dividir, além do amor pelos livros, inúmeros sorrisos e sonhos, responsáveis por tornar meu período de graduação mais lúcido e leve.

Obrigada.

RESUMO

Nos últimos anos, o gênero da Literatura Juvenil tem protagonizado uma produção cada vez mais volumosa dentro do mercado editorial, apesar dos questionamentos que o cerca. Tendo por justificativa a defesa da importância que o segmento da Literatura Juvenil marcado pela abordagem de temáticas difíceis tem sobre a formação humana do sujeito leitor, este trabalho tem por objetivo geral analisar como a obra *100 mil seguidores* (2019), de Luís Dill, retrata os problemas da automutilação, suicídio e dependência digital na adolescência. Para isso, cumprimos os objetivos específicos de apresentar as características gerais do gênero juvenil, a partir da sua contextualização histórica e de discutir sobre a relevância e os preconceitos dos quais são alvos as narrativas que se propõem a trabalhar assuntos sensíveis. Chegamos à conclusão de que os temas apresentados pela narrativa analisada alertam para os perigos e os sofrimentos que inúmeros adolescentes enfrentam sozinhos, e que as narrativas juvenis de temáticas sensíveis têm o poder de surpreender e comover o leitor, redirecionando seu olhar para a realidade dos problemas que permeiam o seu tempo. Como referencial teórico foram selecionadas pesquisas de Ceccantini (2022), Luft (2019), Martha (2009, 2011), Turchi (2016), Zilberman (2014), e Almeida (2021), entre outros.

Palavras-chave: Literatura juvenil; temas sensíveis; Luís Dill.

ABSTRACT

In recent years, the genre of Youth Literature has witnessed a substantial surge in production within the publishing market, despite the questions surrounding it. With the justification of defending the importance of the Youth Literature market's approach to difficult themes on the human formation of readers, this work has the general objective of analyzing how the work *100 mil seguidores* (2019), by Luís Dill, portrays the problems of self-mutilation, suicide and digital addiction in adolescence. To achieve this goal, we fulfilled, first, the specific objectives of presenting the general characteristics of the youth genre, from its historical context and to discuss the relevance and prejudices of the narratives that propose to work on sensitive issues. Our analysis concludes that the themes presented in the analyzed narrative serve as a warning to the dangers and suffering countless adolescents face alone, and that youth narratives of sensitive themes have the power to surprise and move the reader, redirecting their gaze to the reality of the problems that pervade your time. As a theoretical reference, studies by Ceccatini (2022), Luft (2019), Martha (2009, 2011), Turchi (2016), Zilberman (2014), and Almeida (2021), among others, were selected.

Keywords: Youth Literature; sensitive topics; Luís Dill.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
1 CONSTITUIÇÃO E CARACTERÍSTICAS DA LITERATURA JUVENIL	11
2 ENGAJADOS COM AS REALIDADES CONTEMPORÂNEAS: ABORDAGENS DE TEMAS SENSÍVEIS NA LITERATURA JUVENIL	19
3 ANÁLISE DA OBRA <i>100 MIL SEGUIDORES</i>	26
3.1. Conhecendo o autor.....	26
3.2. Conhecendo a obra <i>100 mil seguidores</i>	30
3.3. As faces de uma juventude mutilada: como ler os temas sensíveis em <i>100 mil seguidores</i>	32
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	39
REFERÊNCIAS	41

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Capa do livro <i>Todos contra D@nte</i>	26
Figura 2: Capa do livro <i>Rabiscos</i>	28
Figura 3: Capa do livro <i>100 mil seguidores</i>	30

INTRODUÇÃO

Ao instaurar mecanismos de comunicação e consumo cada vez mais estimulantes, o advento das mídias digitais tem impactado a forma das pessoas se relacionarem e viverem no mundo, especialmente no que diz respeito aos jovens, que “lideram o ranking de uso de celulares e internet” (SILVA, 2016, p. 3). Apesar dos inúmeros benefícios que o acesso à internet pode proporcionar, podendo servir, por exemplo, como ferramenta facilitadora do processo de ensino-aprendizagem ou dispositivo indispensável à prestação de muitos serviços, também pode, quando mal gerido, tornar-se catalisador de comportamentos prejudiciais.

Assim, à revelia “dos riscos das tecnologias digitais, dentre os quais incluem exposição a conteúdo prejudicial, como pornografia, bullying, vício nos aparelhos, problemas sociais, cognitivos e afetivos” (SILVA, 2016, p. 8), é comum ouvirmos queixas frequentes da parte de pais e educadores em relação à situação de uso indiscriminado da internet pelos jovens, o que acaba afetando o convívio familiar e social deles, bem como a percepção que desenvolvem de si mesmos, a qual dificilmente chega a ser assertiva, tendo em vista os milhares de *influencers* de vida teatralizada com quem se põem em patamar de comparação. Dessa forma, o real e o virtual misturam-se na vida dos adolescentes, propiciando o isolamento, a ansiedade, o déficit escolar e infinitas insatisfações.

É partindo desse contexto que o escritor gaúcho, Luís Dill, apresenta a narrativa *100 mil seguidores* (2019), por meio da qual problematiza diversas circunstâncias adversas que permeiam a vida juvenil na contemporaneidade. Quatro vezes vencedor do Prêmio Açorianos, o autor é um dos grandes nomes da chamada Literatura Juvenil, que vem se mostrando protagonista de uma produção cada vez mais volumosa dentro do mercado editorial, apesar de seus títulos não gozarem de muita difusão, o que se deve tanto à baixa visibilidade concedida ao gênero dentro das instituições acadêmicas quanto às controvérsias que pairam em torno dele. Uma delas, aliás, refere-se à introdução de assuntos delicados nas narrativas, como suicídio, *bullying* e violência, o que para muitos é considerado perigoso ou inadequado a jovens leitores. Tendo por justificativa a defesa do contrário, a fim de demonstrar o eixo da Literatura Juvenil que aborda temáticas difíceis como de grande importância para a formação humana do sujeito leitor, desenvolvemos aqui três capítulos referentes aos nossos objetivos.

Para tanto, fizemos uso de uma metodologia caracterizada fundamentalmente pelo uso da pesquisa bibliográfica, que consistiu nos procedimentos de busca, leitura e seleção de diversos trabalhos acadêmicos relacionados à temática, dentre os quais podemos citar os de

Ceccantini (2022), Luft (2019), Martha (2011), Gregorin Filho (2016) e Turchi (2016), que embasaram nosso primeiro capítulo, neste traçamos um breve panorama histórico da constituição da Literatura Juvenil, com vistas a cumprir o objetivo específico de apresentar suas características gerais. Em seguida, sob o amparo de Zilberman (2014), Rodrigues e Souza (2020), Martha (2009), Lira (2021), e Souza (2019), aprofundamos o debate em torno do gênero, ao focar em um de seus segmentos, que é o voltado para a abordagem de temas sensíveis, atingindo, assim, o objetivo específico de discutir sobre a relevância e preconceitos dos quais é alvo essa tendência. Dessa forma, chegamos ao terceiro capítulo, no qual apresentamos uma pequena fortuna crítica do escritor Luís Dill, para assim proceder com a realização do objetivo geral deste trabalho, que é analisar de que forma a obra *100 mil seguidores* (2019), do referido autor, retrata os problemas da automutilação, suicídio e dependência digital na adolescência. Para auxiliar em nossa análise, foram selecionadas as pesquisas de Silva (2016) e de Moraes et al. (2020), por trazerem dados importantes acerca dos problemas citados, e a tese de Almeida (2021), por ter como objeto de estudo a escrita de Luís Dill.

A partir de nossa análise, foi possível notar a relevância que as obras pertencentes ao recorte literário que nos propomos a pesquisar têm sobre a formação tanto do leitor jovem quanto do adulto, porquanto expandem os conhecimentos acerca dos temas abordados de forma surpreendente e sensibilizadora, tendo em vista o tratamento estético da linguagem. Com isso, pretendemos fomentar as discussões sobre a Literatura Juvenil no âmbito acadêmico, bem como auxiliar o trabalho de educadores na seleção e propagação do gênero.

1 CONSTITUIÇÃO E CARACTERÍSTICAS DA LITERATURA JUVENIL

Alvo de questionamentos e de certo preconceito por parte da crítica literária e instituição acadêmica, a Literatura Juvenil é um substrato literário recente, mas que vem, ano após ano, ganhando cada vez mais espaço no mercado editorial brasileiro, como demonstra a pesquisa “Literatura Juvenil Brasileira no Horizonte (2008-2019)” (2021), de João Luís Ceccantini, que apresentou um rol de obras de “narrativas longas” (mais de cinquenta páginas), publicadas ao longo de doze anos (2008 a 2019) sob a rubrica da Literatura Juvenil (LJ), a fim de “delinear um conjunto que represente uma variedade significativa de autores, temas e estilos – entre outros aspectos – da nossa vigorosa literatura juvenil.” (CECCANTINI, 2021, p. 16).

Em seu trabalho, o autor traz um levantamento do número de livros literários produzidos no Brasil em 2008 e em 2019, que contabilizou um aumento de 36,56% na publicação de exemplares dentro da categoria juvenil durante o período analisado, o que pode ser uma estimativa ainda menor do que a real, uma vez que “a partir de 2018 a rubrica *literatura juvenil* foi desmembrada, criando-se a rubrica *literatura jovem adulto* (young-adult), e em 2019 também foi criada a rubrica *HQ*” (CECCANTINI, 2021, p. 18).

O crescimento exponencial dessa produção também acompanha “grandes compras governamentais de livros juvenis destinados a escolas” (CECCANTINI, 2021, p. 15), mesmo havendo bastante resistência no âmbito escolar em se trabalhar com essa categoria literária, visto que a escola é fruto de uma tradição hegemônica, que prioriza a reprodução do padrão canônico em literatura (GREGORIN FILHO, 2016). No entanto, com o advento e imensa divulgação de documentos oficiais que norteiam a educação básica, como a Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2018), que orienta a diversificação do repertório literário em sala de aula com vistas a ampliar o catálogo de autores, obras e gêneros conhecidos pelo aluno (BRASIL, 2018), a escola atualmente se mostra mais aberta a inserir a LJ em suas práticas.

Aliada à ideia de que apenas a literatura clássica seja legítima, dada sua erudição; as volumosas compras governamentais dos livros de literatura juvenil são justamente o que a põe em xeque para alguns, que desconfiam que o abundante número de tiragens acompanhe uma boa qualidade estético-literária, como explica Gregorin Filho (2016):

Nota-se que entre esses lançamentos há uma série de livros produzidos com objetivos marcadamente comerciais para atender a conteúdos e propostas

escolares, seja quanto ao tema, seja quanto ao gênero que supostamente representam de maneira mais didática (GREGORIN FILHO, 2016, p. 117)

Destarte, conforme explicitado pelo pesquisador, mesmo que o financiamento governamental tenha um lado muito positivo, pois concede visibilidade ao gênero e propicia o contato de uma imensa parcela de alunos com a literatura; de outro lado exerce uma coerção sobre os escritores, a qual se revela quando suas obras têm que “se ajustar aos critérios das compras anuais comandadas pelo Ministério da Educação ou quando se favorecem temas valorizados na escola, na esteira das determinações pedagógicas” (ZILBERMAN, 2014, p. 235), não entregando o potencial estético esperado para a fruição literária. Todavia, essa parcela inferior não representa a força do gênero, que exhibe “também obras de valor literário, obras que atenderiam aos anseios de leitura dos jovens e se configuram como literárias” (GREGORIN FILHO, 2016, p. 117), cabendo ao professor fazer um trabalho de filtragem diante da chegada dessas obras no ambiente escolar.

Isto posto, tomando como objetivo deste primeiro capítulo a apresentação das características compositoras desse gênero potente e inovador, passaremos agora a delinear-las junto à sua devida contextualização histórica, tendo em mente que “nenhum texto, principalmente o literário, surge do vácuo; ao contrário, ele é parte de um diálogo maior promovido nos mais diferentes conflitos da vida social” (GREGORIN FILHO, 2016, p. 118), impondo-se, dessa forma, como um importante registro de um determinado tempo, uma vez que capta os comportamentos que a cultura e os fenômenos sociais insinuam a cada época.

Na pesquisa intitulada “A literatura juvenil brasileira no início do século XXI: autores, obras e tendências”, Gabriela Luft (2010), baseada em dados ordenados por Marisa Lajolo e Regina Zilberman, traça um panorama da literatura brasileira voltada para crianças e jovens entre o período de 1890 a 1980, permitindo-nos conhecer as origens e formação da literatura juvenil atual. As obras e autores foram relacionados a ciclos que demarcam diferentes momentos da cultura nacional.

O primeiro ciclo (1890-1920) tratou-se de traduções e adaptações de obras europeias e brasileiras que apresentavam forte teor pedagógico, “ditado pelo modelo europeu, patriótico, ufanista e de exaltação da natureza, e a forma preocupada com a limpidez e a correção da linguagem” (LUFT, 2010, p. 111), que dizia respeito a certo projeto de educação, o qual está posto nos próprios títulos de obras representativas da época, como, “em 1904, *Contos pátrios*, de Olavo Bilac e Coelho Neto, em 1907, *Histórias da nossa terra*, de Júlia Lopes de Almeida,

e em 1910, *Através do Brasil*, de Olavo Bilac e Manuel Bonfim” (ZILBERMAN, 2014, p. 227), os quais circularam no Brasil em meio a um processo de grande urbanização.

O segundo ciclo (1921-1944), do qual Monteiro Lobato é o grande nome, mas também Graciliano Ramos (1892–1953), Erico Verissimo (1905–1975) e Menotti del Picchia (1892–1988), distinguiu-se pela introdução de uma linguagem mais acessível às crianças e jovens, uso da oralidade e desprendimento do padrão culto da língua, bem como pela abordagem – embora que de maneira tradicionalista, exceto nos casos de Monteiro Lobato e Graciliano Ramos – da tradição popular e folclore brasileiro, inclusões deflagradoras da influência dos ideais do movimento modernista que estava em voga. Contudo, manteve-se a intenção de agradar ao público adulto, pois a maioria das produções continuava seguindo a linha educativa e de perspectiva nacionalista próprias do primeiro ciclo. Ademais, “devido à consolidação da classe média e ao avanço da industrialização, há o crescimento do número das obras e das tiragens de livros infantojuvenis” (LUFT, 2010, p. 112), o que expressava o interesse das editoras sobre o gênero emergente e sua contribuição para o aquecimento do mercado editorial.

Internacionalmente, por volta dos anos 50, logo após a Segunda Guerra Mundial, as atenções das Ciências Humanas e da indústria mercadológica se voltaram para a juventude, enxergando-a como um segmento social rentável, e reconhecendo-lhe um papel ativo na sociedade (CECCANTINI, 2021). Segundo Regina Zilberman (2014), o Brasil foi ganhando uma nova composição social, marcada pelo avanço da industrialização e consequente migração de pessoas da zona rural para a urbana, bem como pela forte dependência do “capitalismo norte-americano, proprietário dos meios de produção industrial instalados no Brasil, especialmente depois do final da segunda guerra.” (ZILBERMAN, 2014, p. 233), o que favoreceu os contornos para a implantação da ditadura militar.

No que diz respeito à literatura, o período do terceiro ciclo elencado por Luft (2010) transcorreu entre 1945 e 1964, marcado pela ampliação da instituição escolar, o que favoreceu a “produção de livros em série para atender à demanda dos mediadores entre o livro e a leitura: a família, a escola e o Estado” (LUFT, 2010, p. 113). Notou-se muita semelhança entre as obras, que não inovaram nem problematizaram a realidade, focalizando, de forma geral, um ambiente rural idealizado, “ao passo que a vida urbana foi ignorada” (LUFT, 2010, p. 113). À revelia disso o mercado consumidor crescia, mas devido à ausência de novidades “orientava-se para a cultura de massa, representada sobretudo pelas histórias em quadrinho.” (ZILBERMAN, 2014, p. 233), que não entravam nas escolas.

Até então, “as narrativas hoje consideradas apropriadas ao público jovem eram destinadas às crianças” (DIAS e CARVALHO, 2019, p. 259), sob o codinome de Literatura

Infantil ou Literatura Infantojuvenil, uma vez que, comumente, as obras literárias dirigiam-se ou ao leitor infantil, ou ao leitor adulto, em detrimento do juvenil, este ficando numa espécie de “limbo”, como explicou o autor de livros ilustrados Alexandre Rampazo na mesa-redonda “Literatura Juvenil: perspectivas” promovida pela PUC de São Paulo:

esse jovem leitor... é um leitor muito peculiar... porque:: ... é um leitor que:: já não é mais criança... aliás néh... é um leitor que odeia ser chamado de criança... mas também... ele num é uma... um leitor adulto... e muitas vezes néh talvez ele não seja nem um jovem adulto formado ainda... então esse leitor... ele não quer ler... éh::... um livro de criança ((gesticula com os dedos o movimento de aspas)) néh éh::: ... ele não quer ler um livro infantil... ao mesmo tempo que:: éh:: ... grosso modo falando... existe uma:: ... éh:: ... existe uma escassez de produções que:: desperta... ou que... que acaba despertando interesse nessa faixa leitora (LITERATURA PUC-SP, 2021)

A fala do autor toca na especificidade daquela que podemos apontar como principal característica da literatura juvenil, que é o seu público leitor, o qual nasceu a partir de um elemento extraliterário, que foi uma nova concepção acerca do jovem, não mais visto como mero sujeito em transição, mas como alguém com identidade própria (PORTO e BATTISTI, 2016). Foi a renovação do pensamento social sobre a infância e a adolescência promovido pelas Ciências Humanas a partir da década de 50 que fez com que aspectos como gosto, experiências e identidades juvenis passassem a ser considerados, em compasso com as transformações “tanto nas formas de vida, quanto nos valores ideológicos que sustentam a concepção social sobre a educação de crianças e jovens” (LUFT, 2010, p. 115).

Então, aqui no Brasil, paulatinamente a nova concepção foi ganhando forma e liberdade para desembocar em produções que, dadas “suas características estético-literárias e por seu direcionamento a um determinado público, passaram a ser distinguidas nas categorias literatura infantil e literatura juvenil.” (TURCHI, 2016, p. 84), no final dos anos 1970, tendo contribuído para essa distinção o fato de algumas instituições como a Câmara Brasileira do Livro/Jabuti, e a FNLIJ – Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil terem passado a conferir prêmios para a categoria “Jovem”, oficializando, dessa forma, a LJ.

Chegamos, assim, no quarto ciclo destacado por Luft (2010), correspondente à década de 70 e 80, quando “começa a florescer uma vasta produção dirigida aos jovens, além de uma vertente da crítica destinada a estudar os novos títulos” (LUFT, 2010, p. 113). São representativos da época alguns nomes como Marina Colasanti, Fernanda Lopes de Almeida, Lygia Bojunga, Ana Maria Machado, Ruth Rocha, Ricardo Azevedo e Bartolomeu Campos de Queirós, grupo que “Ao mesmo tempo em que apresenta traços característicos de tendências de

décadas anteriores, conta, também, com um considerável esforço renovador” (LUFT, 2010, p. 114).

Isto posto, fica evidente que a valorização e transformação do olhar sobre a juventude redonda no rompimento com a antiga forma de produção literária voltada para esse público:

Essa mudança no modo de perceber o jovem resulta em um relacionamento de maior proximidade entre o autor e o leitor que, de certo modo, descaracterizaria a relação de subordinação antes tão presente no discurso literário proferido “pelo adulto” e “para o adolescente” (PORTO e BATTISTI, 2016, p. 223)

Assim, “atentos às transformações sociais e às novas demandas de uma população jovem, identificadas por diversos setores do mercado, inclusive o setor editorial” (CECCANTINI, 2021, p. 14), os autores que escrevem para esse público foram substituindo o tom formal e pedagógico de suas obras por inovações estruturais e temáticas, introduzidas a fim de relacionar as narrativas com a realidade do jovem contemporâneo.

Aproximando-nos da atualidade e clarificando os aspectos da produção da literatura juvenil mais recente, nos dispomos da já mencionada pesquisa de João Luís Ceccantini (2021) para demonstrar quais os principais eixos temáticos percebidos nos últimos anos na LJ, embora essa não seja uma classificação rígida, pois muitas obras tratam de várias temáticas simultaneamente.

O primeiro núcleo elencado pelo pesquisador é o *bildungsroman* (narrativa de formação), “a rubrica mais geral e mais tradicionalmente relacionada ao gênero” (CECCANTINI, 2021, p. 19), pois trata justamente da formação de algum personagem jovem até sua vida adulta, onde o leitor acompanha suas primeiras experiências sociais, no campo da sexualidade, dos relacionamentos e trabalho. São exemplos as obras: *O menino e o bruxo* (2008), de Moacyr Scliar; *A mocinha do mercado central* (2011); de Stella Maris Rezende, e *Enfim, capivaras* (2019), de Luisa Geisler.

O núcleo da desigualdade social/violência apresenta obras que, tal como as do movimento realista, “se empenham a representar a sociedade brasileira a partir de suas graves contradições, cujas raízes, ligadas ao processo predador de nossa colonização, frequentemente desembocam em violência de variada natureza” (CECCANTINI, 2021, p. 20). Relacionado a esse, há o eixo do bullying/assédio/discriminação, que aborda os efeitos da violência sobre o indivíduo, trazendo à tona todo o desgaste emocional sofrido pela vítima de preconceitos. São amostras os títulos: *Eu sou Maria* (2008), de Sonia Rodrigues; *Apenas Tiago* (2014), de Caio

Riter; *Rabiscos* (2019) e *Decifrando Ângelo* (2012) de Luís Dill; e *Castelo de Areia* (2015), de Menalton Braff.

Já a linha do fantástico/ficção científica está bastante atrelada às produções cinematográficas e aglutina narrativas que rejeitam “a tradicional representação imediatista da realidade” (CECCANTINI, 2021, p. 20), ainda que para referenciá-la, direta ou indiretamente. *Sequestro no cibernundo* (2012), de Marco Túlio Costa; *O telephone* (2014), de Luís Dill; *Iluminuras* (2015), de Rosana Rios e *As aventuras do Sargento Verde* (2015), de Helena Gomes, são alguns exemplos.

O núcleo da família/amor/amizade engloba narrativas que apresentam “em primeiro plano a representação dos relacionamentos humanos, em toda sua complexidade” (CECCANTINI, 2021, p. 20), como *Meu pai não mora mais aqui* (2008), de Caio Riter; *Vermelho amargo* (2011), de Bartolomeu Campos de Queirós e *O fantasma da Alameda Santos* (2015), de João Carlos Marinho.

Há o eixo de temática histórica, onde o contexto histórico distante do presente se sobressai, “propiciando ao leitor a possibilidade de adquirir consciência histórica” (CECCANTINI, 2021, p. 21), mas desprendido do objetivo didático tão aplicado nas obras do século anterior. São exemplos os livros *Sortes de Villamor* (2010), de Nilma Lacerda; *Enquanto o dia não chega* (2013), de Ana Maria Machado, e *Clarice* (2018), de Roger Mello.

Há o núcleo da velhice/morte trazendo obras que se contrapõem àquelas que buscavam esconder a realidade dos jovens, porquanto “se valem de abordagens densas e sensíveis da velhice e da morte” (CECCANTINI, 2021, p. 22), sem qualquer tom de desespero. São exemplos *A bailarina fantasma* (2009), de Socorro Acioli; *O medo e o mar* (2009), de Maria Camargo, e *Jogo de memória* (2010), de Laura Bergallo.

Por fim, o pesquisador elenca o núcleo da arte/leitura/escrita que diz respeito a obras que estabelecem estreita intertextualidade com outras produções, exploram a metalinguagem e indagam “sobre a natureza da Arte, de um modo geral, e da Literatura, de modo específico” (CECCANTINI, 2021, p. 22). São exemplos: *Mensagem para você* (2008), de Ana Maria Machado; *Os livros de Sayuri* (2008), de Lúcia Hiratsuka, e *Justamente porque sonhávamos* (2017), de Stella Maris Rezende.

A variedade de temas e de subgêneros atrelados à literatura juvenil das últimas décadas demonstra o esforço dispensado por uma classe de escritores em estabelecer um diálogo com o leitor adolescente, que agora pode se reconhecer nas narrativas, já que nelas “a adolescência não é mais vista como preparação para a maturidade, mas considerada etapa decisiva da vida” (MARTHA, 2011, p. 9). Além disso, a percepção de que o jovem de nossa era é “agitado,

tomado pelos avanços da informática, da internet e pelos recursos midiáticos” (TURCHI, 2016, p. 91), sujeito que estabelece contínuo envolvimento com meios de expressão visuais em seu dia a dia, foi algo que demandou das narrativas contemporâneas da LJ a busca por outras “potencialidades, criando estruturas literárias que incorporam outras artes e formas de comunicação” (TURCHI, 2016, p. 92), o que nos leva às inovações estruturais.

No que diz respeito à forma do gênero, é possível notar a presença recorrente do paratexto, que pode ser definido como “tudo aquilo que constitui a obra literária como livro e deve ser levada em consideração, pois antecipa sentidos que o texto literário irá apresentar, contribuindo para uma efetiva interpretação e análise do mesmo” (RODRIGUES e LOTTERMANN, 2021, p. 115). Assim, elementos verbais e não verbais como as ilustrações, capa, contracapa, título, prefácio, posfácio, nome do autor e ilustrador estão moldados no objeto livro de forma intencional, por isso devem ser considerados como partes constituintes do significado da narrativa, uma vez que proporcionam “ao leitor uma melhor compreensão do texto a partir da possibilidade de mobilizar conhecimentos que levarão a obra literária a ser melhor recebida” (RODRIGUES e LOTTERMANN, 2021, p. 115).

Esse aprimoramento do objeto livro, cheio de elementos visuais ricos de sentido, diz respeito ao desejo de atrair e adequar-se às demandas do jovem, que pode visualizar o dinamismo próprio da sua comunicação diária nas obras, que

não se limitam a construir sentidos apenas por meio do texto verbal, mas dialogando com as ilustrações, fontes, cores, formatos, tamanhos, texturas, fazendo com que a leitura literária não se limite ao gênero presente no livro (conto, novela, romance, poema...), mas extrapole as linhas e as entrelinhas para que o próprio objeto livro também possa ser lido (RODRIGUES e LOTTERMANN, 2021, p. 116)

Assim, todos esses elementos acabam compondo projetos gráficos arrojados, que entregam novas oportunidades de interação entre leitor e obra.

Quanto à linguagem utilizada nas narrativas juvenis, não se apresenta de forma erudita, mas sim simples, “contudo apropriada e voltada para o diálogo com o leitor” (DIAS e CARVALHO, 2019, p. 263). Cheia de símbolos e recursos estilísticos, agrega ao receptor experiências com o uso artístico da língua.

Uma das estratégias linguísticas mais empregadas nas obras da LJ é a intertextualidade, entendida como “um texto que traz dentro de sua estrutura, traços de outro texto que fora fonte para a recriação do texto produto” (DIAS e CARVALHO, 2019, p. 264). Ela “possibilita ao leitor entrar em contato com outras literaturas que se encontram inseridas

dentro da narrativa, favorecendo, mais uma vez, a ampliação do horizonte de expectativas do leitor” (DIAS e CARVALHO, 2019, p. 264), já que o influencia a conhecer os textos aos quais faz referência aquele que ele está lendo, movimento que exige dele mais participação no processo de leitura, bem como facilita sua apropriação do cânone literário, pois é com os clássicos que grande parte das narrativas juvenis dialoga.

Outros recursos característicos das narrativas juvenis são a metaficção, a quebra de linearidade e a fragmentação, que “além de romper com as fronteiras entre os gêneros, trazem a fusão entre diferentes linguagens denotando seu caráter contemporâneo e inovador” (DIAS e CARVALHO, 2019, p. 266).

Segundo Luft (2010), as inovações estruturais presentes nas obras da LJ conferem aumento da complexidade narrativa ao gênero, “por meio da adoção de perspectivas focalizadas, vozes narrativas intradieéticas e anacronismos na ordem do discurso” (LUFT, 2010, p. 128), distanciando-se “do discurso unívoco e controlado pelo narrador” (LUFT, 2010, p. 128).

Diante do exposto, é legítimo assegurar que a literatura juvenil configura-se a partir da definição social dada ao jovem, delineando-se ao longo das décadas em sua forma e conteúdo de maneira a acompanhar as demandas do seu público destinatário. Inovadora em sua essência, mas de características e tendências passíveis de detecção, hoje encontra-se consolidada no mercado editorial, e “já demonstrou ter alcançado um patamar de qualidade tanto estética quanto gráfica, que contribui para a formação de sujeitos leitores com sensibilidade artística e social” (DIAS e CARVALHO, 2019, p. 266).

A obtenção dessa sensibilidade diz muito sobre o fato de que as narrativas, uma vez captadas como “verdadeiras experiências de autoconhecimento, podem contribuir na formação de leitores adolescentes, humanizando-os” (MARTHA, 2011, p. 9), por meio do envolvimento com as vivências das personagens, especialmente daquelas construídas sob o eixo “de temáticas até pouco tempo consideradas tabu na produção para crianças e jovens, como a morte, o abandono, a violência, as famílias desfeitas” (PORTO e BATTISTI, 2016, p. 224), exemplos integrantes dos chamados temas sensíveis, recorte da LJ com o qual propomo-nos a trabalhar e será assunto do próximo capítulo.

2 ENGAJADOS COM AS REALIDADES CONTEMPORÂNEAS: ABORDAGENS DE TEMAS SENSÍVEIS NA LITERATURA JUVENIL

O minidicionário da língua portuguesa (FERREIRA, 2001) traz as seguintes definições para a palavra “sensível”: “Que sente, que tem sensibilidade; Que recebe facilmente as sensações externas; Que pode ser percebido pelos sentidos; Emotivo; Suscetível” (FERREIRA, 2001, p. 630). Sendo assim, podemos indagar: o que seriam, então, os temas sensíveis postos em literatura? Logicamente, podemos dizer que são temas que mechem com as emoções das pessoas, que as envolvem de maneira a ativar seus sentimentos à medida em que elas vão lendo, pois

Tudo que emociona, sensibiliza; tudo que é motivacional, triste ou doloroso, sensibiliza; vivências do nosso dia a dia que se tornam memórias, sensibilizam. Ou seja, a sensibilidade está diretamente ligada aos nossos dias, na forma como vemos o mundo e lidamos com pontos positivos e negativos. (LIRA, 2021, p. 15)

Logo, entendemos que os temas sensíveis são aqueles que têm o poder de impactar, marcar e emocionar as pessoas, já que facilmente os “ligamos às histórias que nos acolhem no sentido de pararmos para refletir sobre elas” (LIRA, 2021, p. 15), o que influencia o desenvolvimento de um olhar mais atento sobre os temas lidos, dado o efeito que as narrativas apresentam de sensibilizar. Entretanto, não são quaisquer temas que se encaixam na categoria à qual estamos nos referindo, mas sim aqueles de viés complexo, normalmente tratados como tabu dentro da sociedade.

Por terem um caráter marcante, os temas sensíveis também são chamados de “difíceis”, dada a dificuldade que muitos apresentam de falar sobre a morte, violência, abusos, separações parentais, etc. Para muitos adultos, é custoso abordar tais assuntos, especialmente com crianças e jovens, dos quais muitos responsáveis tentam proteger das agruras da realidade da vida, pelo caminho contraditório do silenciamento e omissão.

Dentro desse recorte da literatura juvenil, há também a nomenclatura “polêmico”, usada para aludir a temas que “causam um impacto divisor de opiniões dentro da sociedade, ou seja, existe quem concorda e quem discorda do ponto de vista apresentado, muitas vezes devido a tabus estabelecidos no contexto histórico ao longo das décadas” (LIRA, 2021, p. 15). O suicídio e a homossexualidade, por exemplo, são temas propulsores de controvérsias entre as pessoas, que ao invés de buscarem compreender e aceitar a realidade factual desses fenômenos,

limitam-se a debater se concordam ou não com eles, e, muitas vezes, se negam até mesmo de citá-los, caso discordem.

E, por último, o termo “fraturante” também é usado para referir-se aos temas mais complexos que são abordados na literatura juvenil. Segundo Lira (2021), como essa palavra carrega a ideia de quebra/ruptura, reflete, portanto, o acontecimento de situações delicadas, “que envolvem, em sua maioria, sentimentos de medo, raiva ou angústia” (LIRA, 2021, p. 14), em conformidade com a definição dada por Martha (2009), ao chamar os temas difíceis abordados na literatura juvenil de “temas de fronteira”:

Os temas de fronteira em obras para crianças e jovens – compreendidos como situações-limite que configurem, no plano ficcional, etapas da evolução vividas pelo ser humano – ganharam força e podem ser aliados importantes para que esses leitores reconheçam suas angústias, faces diversas do medo que enfrentam cotidianamente – morte, separações, violência, crises de identidade, escolhas, relacionamentos, perdas, afetividades - a partir da leitura de narrativas contemporâneas. (MARTHA, 2009, p. 3)

Em outras palavras, todo tema que dentro das narrativas juvenis leve o leitor a reconhecer ao seu redor e em sua própria vida questões que normalmente tendem a ser evitadas, mas que precisam ser sentidas, enfrentadas, repensadas ou até mesmo decisivas quanto a uma tomada de posicionamento, é chamado de sensível, difícil, polêmico ou fraturante, haja vista que:

esses termos vão se modificando em relação ao uso durante a história e seu contexto. Ou seja, em uma época ele deixa de ser polêmico para ser difícil, depois para ser sensível, posteriormente, passa a ser fraturante (LIRA, 2021, p. 17)

Todavia, a volatilidade semântica não altera a essência do objeto ao qual os termos se referem, pelo contrário, cada uma dessas palavras apresenta algum aspecto a ser considerado sobre esse recorte da literatura juvenil, facilitando e expandindo o entendimento da tendência existente dentro dessa literatura, que “se caracteriza pelo abandono da concepção idealizada da infância e juventude como paraíso perdido, época de despreocupação e felicidade da vida” (MARTHA, 2009, p. 3), ao abordar temas de teor complexo nas narrativas, outrora dirigidos somente aos leitores adultos.

Essa transgressão da visão idealizada da infância e juventude notada nas obras é justamente o que acarreta inúmeras contestações contra a literatura juvenil contemporânea que, desde sua gênese, datada da década de 1970, vem revelando seu compromisso de mostrar aos

leitores a vida exatamente como é, não se furtando “de debater temáticas concernentes à condição humana, tais como angústia, raiva, tristeza, medo, sexualidade etc.” (SOUZA, 2019, p. 436); o que muito incomoda os sujeitos que acreditam que “a arte deve estar a serviço da educação do cidadão, transmitindo-lhe valores morais e políticos” (SOUZA, 2019, p. 435), pensamento norteador da produção literária destinada a crianças e jovens nas primeiras décadas do século XX, como fora demonstrado no capítulo anterior.

Receosos de que os livros com tais assuntos não sirvam para a formação de bons cidadãos, sob a justificativa de que a densidade dos textos possa causar sentimentos negativos nos leitores, instituições como a escola e a família têm promovido, ainda hoje, censuras significativas à literatura juvenil (SOUZA, 2019); movimento análogo ao que foi sofrido por Monteiro Lobato, que, segundo Zilberman (2014), por priorizar a visão do seu público leitor nas obras, e prezar pelo processo criativo em detrimento da doutrinação, foi acusado de estimular o comunismo e não teve nenhuma obra sequer - com exceção da primeira, *A Menina do Narizinho Arrebitado* (1920) - adquirida pelo órgão público brasileiro, além de ter sofrido censura também em Portugal. Isso tudo porque seus livros são:

em princípio transgressivos, já que contradizem a tendência a reforçar comportamentos socialmente aceitáveis, o que agradava pais e professores, garantindo o acolhimento pela escola, por consequência, a venda para o governo. Lobato, ao inverter o modelo, propunha a rebeldia, o questionamento das ideias prontas, o compromisso com o progresso social e econômico. Preferia tomar partido de crianças e jovens, em vez de afagar os adultos, e não poucas vezes, em suas narrativas, as personagens que corporificam a mocidade desautorizam os mais velhos, representados inicialmente por Dona Benta e Tia Nastácia, depois por instituições como o Estado e o poder. (ZILBERMAN, 2014, p. 232)

Dessarte, não é por acaso que Lobato é apontado como um dos principais precursores da literatura juvenil, nem surpreende que um autor inovador lutando sozinho contra a ordem imposta de sua época fosse hostilizado, o que surpreende é ainda haver as restrições das quais ele foi vítima em pleno século XXI, como relatam Rodrigues e Souza (2020), no trabalho intitulado “Tabus e Temas Polêmicos – A Literatura Infantil e Juvenil sob Censura”, onde discutem “vários episódios proibitivos, que cercearam crianças e jovens ao acesso a algumas obras” (RODRIGUES e SOUZA, 2020, p. 184) contemporâneas, rechaçadas pela “voz de políticos, pais e gestores escolares que muitas vezes não conseguem ler para além das linhas” (RODRIGUES e SOUZA, 2020, p. 186).

A exemplo disso, temos o caso do livro *A bolsa amarela* (1976), de Lygia Bojunga, que no ano de 2019 foi alvo de um vereador da cidade de Limeira (SP), o qual requiriu à

Secretaria Municipal de Educação satisfações sobre as atividades escolares desenvolvidas com a obra, considerada afrontosa no tocante aos princípios morais dos pais dos alunos da cidade, uma vez que, segundo ele, a narrativa trata sobre ideologia de gênero (RODRIGUES e SOUZA, 2020); interpretação extraída, provavelmente, pelo fato da personagem principal da ficção ser uma garota que se encontra em estado de conflito com suas três maiores vontades: ser grande, ser menino, e escrever. Tais desejos, todavia, dizem respeito à realidade dolorosa vivida por Raquel, que por ser menina e pré-adolescente, é ignorada pelos adultos de sua família, que mal se comunicam com ela, fazendo-a sentir-se desprezada, enquanto observa os interesses dos mais velhos e, especialmente dos homens, serem privilegiados. Sem ninguém para desabafar seus desgostos, ela dispõe da imaginação e da escrita para se libertar e reordenar suas vontades. Assim, fica claro que:

o modo com que a autora expõe a pré-adolescência, sentimentos reprimidos de uma garota e suas vontades imaginárias não pode levar alguém a afirmar que a obra possui valores que divulguem e preguem em favor de uma “ideologia de gênero”. Percebe-se, então, uma leitura enviesada do texto literário, mas um direcionamento político capaz de questionar e colocar *A bolsa amarela* em um rol de obras censuradas na literatura (RODRIGUES e SOUZA, 2020, p. 186)

Outro caso foi o sofrido pela autora Luisa Geisler, que “teve sua participação em uma feira literária cancelada porque seu livro *Enfim, capivaras* foi considerado contendo linguajar inapropriado para adolescentes” (RODRIGUES e SOUZA, 2020, p. 186), como se a linguagem retratada na narrativa pelos personagens não fosse a mais verossímil da utilizada no dia a dia pelos leitores, e não constituísse um fator de aproximação que agrada o público-alvo. Longe de ser um atentado contra a educação dos jovens, o livro se enquadra no rol de melhores obras da literatura juvenil escritas nos últimos anos (CECCANTINI, 2021), e “explora, por meio de pontos de vista diferentes, os relacionamentos de um grupo de jovens, discutindo diferenças sociais, autodescoberta e amizade” (RODRIGUES e SOUZA, 2020, p. 186).

Os episódios mencionados nos dão “indícios do contexto sociocultural em que estamos inseridos, repleto de paradoxos e retrocessos” (SOUZA, 2019, p. 438), já que por um lado apregoa a necessidade de se difundir o gosto pela literatura entre os jovens, e de outro cerceia o acesso das obras a eles, por causa do medo infundado de que os temas sensíveis sejam chocantes demais para pessoas nessa fase; raciocínio de uma concepção passada sobre esse público, que recebia obras, “tradicionalmente, pensadas a partir de uma preocupação adulta que

apresentava um mundo idealizado onde não era dada a possibilidade, por exemplo, de que crianças e jovens sofressem” (AGUIAR, 2022, p. 16).

Os jovens do mundo hodierno, contudo, não estão alheios aos dilemas da realidade, ainda mais quando são mantidos completamente expostos ao acesso indiscriminado de telas, ou a situações de subalternidade, como explica Martha (2009):

sabemos que a violência, estampada em sua plenitude na mídia impressa e televisa, além de jogos e do cinema, atinge seu apogeu no cotidiano de crianças e jovens abandonados, drogados, prostituídos e atingidos por balas perdidas no caos da vida contemporânea. (MARTHA, 2009, p. 4)

Em concordância ao que foi dito, surge o questionamento sobre qual seria a razão de tamanho incômodo a respeito da discussão de temáticas mais fortes na literatura juvenil, se os jovens se deparam com elas continuamente nos jogos; filmes; séries; quando vão à rua e até mesmo dentro de suas casas, como comenta Danilo Fernandes Sampaio de Souza, no texto “Literatura censurada: O politicamente (in)correto na literatura para crianças e jovens” (2019):

É perceptível que a censura não é tão rigorosa quando se trata de jogos, filmes, sites da internet etc. Por vezes, o acesso a conteúdos considerados impróprios, tais como cenas de violência, morte, uso de álcool e drogas não causa o mesmo desconforto se veiculado em outros meios e plataformas de acesso quando comparado ao que é gerado com tais temáticas presentes em obras ficcionais. (SOUZA, 2019, p. 439)

É fácil notar, portanto, uma arbitragem tendenciosa a favor das demais produções voltadas para os jovens em detrimento da literatura, mesmo que esta apresente um cuidado estético muito mais refinado ao trabalhar temas sensíveis que os programas de TV; sites da web ou jogos, os quais exibem em qualquer horário e sem nenhuma parcimônia cenas sanguinolentas; de sexo; suicídio ou consumo de drogas. Essa incoerência se deve, em grande parte, pela concepção ultrapassada de que livros só existem a serviço do ensino pedagógico, manter-se enraizada na consciência de muitas pessoas, como se a literatura fosse um molde “para se trabalharem os aspectos moralizantes da sociedade, como se nela estivessem contidas as boas práticas que ensinam como o ser humano deve ser ou como deve se comportar” (AGUIAR, 2022, p. 19). Dessa visão surge o medo de que se os jovens lerem obras que tratem sobre suicídio, sexualidade, diferenças sociais e temas afins, eles simplesmente irão reproduzir os comportamentos retratados nas narrativas cegamente, sem nenhum exame interpretativo. Sob essa lógica, seria razoável dizer que ao lerem *Para maiores de dezasseis* (2009), da

escritora portuguesa Ana Saldanha, os jovens se sentiriam atraídos a relacionarem-se com efebófilos, pois é justamente uma relação de efebofilia o fio condutor da narrativa.

Dulce, a protagonista do livro, é uma adolescente de quinze anos, emocionalmente insegura, que busca construir sua identidade e autoestima em meio a uma situação familiar difícil, que é a separação dos pais e a falta de atenção e afeto deles. Carente, se torna uma presa fácil para Eddie, um homem mais velho que “evidencia ter perfeita consciência do ilícito da situação em que se encontram” (RAMOS e FONSECA, 2015, p. 99), mas permanece cercando a garota com falsas amabilidades, para compensar a carência dela e estabelecer uma relação de dependência emocional, por meio da qual consegue satisfazer seus impulsos sexuais.

A narrativa de Saldanha destrincha os jogos de sedução do efebófilo sobre a jovem, bem como os sentimentos de dependência dela em relação a ele, que a faz se decidir por acompanhá-lo para fora do país, mesmo que sem autorização para isso. Seria então correto afirmar que o livro faz apologia a relações ilícitas, como foi dito que *A bolsa amarela* (1976) faz a ideologia de gênero? É óbvio que não. Julgamentos apressados e leituras fragmentadas impendem as pessoas de perceberem que a literatura educa sim, “mas educa justamente na apresentação da dualidade, do paradoxo, dos altos e baixos” (SOUZA, 2019, p. 434), porque é disso que a vida é feita e a vida é a matéria-prima da literatura. Portanto, assim como reflete o pesquisador Danilo Fernandes Sampaio de Souza, apoiado em texto de Antonio Candido, não se pode esperar que a literatura juvenil - ou qualquer outra - sirva “como uma “cartilha de boas práticas”, que dá orientações e instruções claras aos indivíduos de como devem se comportar e que atitudes devem tomar diante das várias circunstâncias da vida” (SOUZA, 2019, p. 434), porque, “assim sendo, perde a sua autonomia como arte e a sua dimensão estética” (AGUIAR, 2022, p. 19).

Desse modo, defendemos que a apreciação literária educa por meio da reivindicação de que o leitor se esforce intelectualmente, treinando sua autonomia para captar, apreender e julgar não somente o que as narrativas revelam ao pé da letra, mas também o que guardam em suas entrelinhas. Assim o faz o desfecho de *Para maiores de dezasseis* (2009), onde o leitor se depara com “uma notícia de jornal que, num tom impessoal e objetivo, dá conta do rapto de Dulce, procedendo ao julgamento da relação de ambos aos olhos da lei.” (RAMOS e FONSECA, 2015, p. 99-100). Sem uma voz narrativa ativa, o último capítulo fica a salvo de qualquer sinal de parcialidade, permitindo que os leitores examinem sozinhos a relação de Dulce e Eddie, uma vez que lhes delega

a responsabilidade de realizarem o julgamento do que aconteceu e procederem à atribuição de responsabilidade/culpa, de acordo com a sua experiência e conhecimento do mundo e da situação narrada, depois dos factos apresentados e dos argumentos esgrimidos (RAMOS e FONSECA, 2015, p. 100)

Dessa forma, além do benefício de que os jovens consigam encarar com menor afetação e mais maturidade temas considerados sensíveis de serem discutidos socialmente, a abordagem de obras desse recorte da literatura juvenil dentro das escolas é de extrema importância, porquanto

pode ser uma oportunidade de os alunos relatarem suas experiências, que podem, muitas vezes, denunciar problemas que eles sofrem com a própria família. Ou seja, através da literatura, a escola pode mostrar a realidade social e abrir espaços para discussões. (LIRA, 2021, p. 16)

Ao se decidir por trabalhar com esse tipo de literatura, a escola se torna, portanto, uma agente de promoção e proteção dos jovens, pois por meio de profissionais capacitados ela pode denunciar casos de violência e abuso pelos quais os estudantes porventura possam estar passando, além de conduzi-los a compreenderem e enfrentarem as situações que lhes inquietam. Assim, vemos que não há cabimento censurar as obras juvenis, principalmente no ambiente escolar.

3 ANÁLISE DA OBRA *100 MIL SEGUIDORES*

Destarte, a fim de demonstrar de forma mais concreta tudo o que foi exposto até aqui, e ratificar o que defendemos neste trabalho, propomo-nos a analisar uma obra em sua íntegra, escolhida como representante do que recentemente vem sendo produzido na literatura juvenil voltada para a abordagem de temas sensíveis, a saber: *100 mil seguidores* (2019), de Luís Dill, objeto de estudo do presente capítulo.

3.1. Conhecendo o autor

Luís Augusto Campello Dill nasceu em abril de 1965, na cidade de Porto Alegre, estado do Rio Grande do Sul, onde mantém residência até o momento. É formado em Jornalismo pela PUC/RS, e já atuou na área como assessor de imprensa, jornal, rádio, televisão e Internet. Hoje é Produtor Executivo da Rádio FM Cultura da capital gaúcha; apresenta programa sobre música de concerto na Rádio Arte Viva; escreve como colaborador de revistas e jornais; e gerencia junto à sua esposa a Editora Casa 29, fundada por ambos. Obteve pós-graduação *Lato Sensu* em Literatura Brasileira, estreando como escritor de literatura no ano de 1990 com uma novela policial juvenil intitulada *A caverna dos diamantes*.

Dill já escreveu diversos gêneros, como poemas, contos e romances, contando hoje com mais de 60 livros publicados por diversas editoras brasileiras, dentre os quais alguns receberam o selo Altamente Recomendável da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil, e muitos lhe renderam prêmios literários como o Açorianos, que venceu na categoria Conto pelo livro *Tocata e fuga*, e na categoria Juvenil com os livros *De carona, com nitro*; *Decifrando Ângelo*; *Jubarte*, e *Rabiscos*; sendo este último também finalista do Prêmio Jabuti 2020 e contemplado com o Prêmio Flipoços; e o livro *O estalo* vencedor em terceiro lugar na categoria Juvenil do Prêmio Biblioteca Nacional.

Seu trabalho literário é alvo de grande atração tanto por parte do mercado editorial brasileiro quanto por parte daqueles que se debruçam a estudar a literatura juvenil, pois suas obras têm demonstrado uma união promissora entre aquilo que as editoras solicitam e a qualidade que os críticos esperam, não constituindo dilema algum o fato de a maioria dos seus livros serem escritos sob encomenda, muito pelo contrário: a procura pelos seus textos revela o êxito da recepção no campo editorial, e o enfoque no público-alvo juvenil promove a aproximação com seus leitores (ALMEIDA, 2021), mesmo que suas obras - é necessário o

adendo - possam agradar qualquer leitor independentemente de sua faixa etária, pois para além de qualquer segmentação, a literatura é do e para o ser humano. Todavia, foi no enquadramento juvenil que o escritor alcançou o seu sucesso e hoje colhe resultados significativos.

Luís Dill “faz uso de linguagem contemporânea aos jovens e usa de arquitetura ficcional atraente e dinamizada.” (SOUZA, 2017, p. 41), comumente dialogando com os clássicos da literatura e com as produções da cultura de massa, responsáveis em grande parte pelo *modos operandi* com que cria suas narrativas, já que

Sua “escola literária” foram os seriados e filmes americanos, daí justifica-se o ritmo acelerado, personagens fragmentados e efeitos imagéticos/sonoros ligados ao mundo da cinematografia. (ALMEIDA, 2021, p. 46)

Esses aspectos expressivos de sua obra engrandecem “seu poder de integração das artes em uma linguagem nova e desafiadora na fruição do leitor, contribuindo, assim, para a representação da estética contemporânea” (ALMEIDA, 2021, p. 46).

Não apenas as especificidades linguísticas e estruturais, mas também as temáticas adotadas em suas narrativas são caras ao seu público, uma vez que o escritor aproveita a “oportunidade de denunciar fatos e compartilhar situações que envolvem essa camada da sociedade que é tão mal interpretada pelos adultos: os jovens adolescentes” (SOUZA, 2017, p. 41), não se eximindo de “tocar na ferida” dos que evitam trazer à tona discussões sobre consumo de drogas; bullying; diferenças sociais; suicídio e automutilação, dentre outros; com os jovens. A exemplo disso, escolhemos trazer como *corpus* de análise do presente trabalho o livro *100 mil seguidores* (2019), que nos possibilita refletir sobre algumas das temáticas citadas anteriormente. No entanto, a fim de situar melhor as condições e características literárias do autor, acreditamos ser relevante conhecer outras obras além da escolhida como *corpus* de pesquisa. Dessa forma, apresentamos em seguida, como amostra do trabalho de Luís Dill, duas obras que também se encaixam no recorte da literatura juvenil de temática sensível.

O primeiro livro é *Todos contra Dante* (2008) que, assim como muitas obras de Dill, apresenta um projeto gráfico diferenciado, estruturado a partir do diálogo com o *ciberespaço*, relação evidente tanto no projeto do objeto livro quanto na trama, que se desenrola durante a passagem de *links*, *chats* e *blogs*, de modo que o transcorrer das páginas do livro é uma experiência similar à navegação virtual.

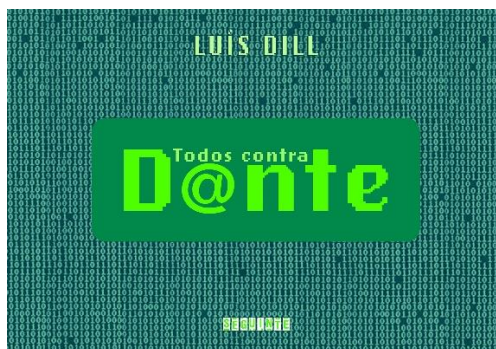


Fig. 1: Capa de *Todos contra Dante*

A obra narra a história de Dante, um garoto de treze anos que acabou de se mudar de bairro com a sua família, e começa a enfrentar problemas como novato de uma escola particular, frequentada por jovens de nível socioeconômico elevado. Logo, a aparência e origem humilde de Dante começam a ser motivos de chacota, exclusão e perseguição por parte de seus colegas, dentro e fora da escola. Por conseguinte, praticam o *bullying* e *ciberbullying* contra Dante, numa tentativa de se verem livres do incômodo que é conviver com o diferente, o qual mantém-se em silêncio, numa atitude comum das vítimas de violência.

Dante refugia-se apenas nas atualizações do seu *blog*, que lhe serve como uma espécie de diário, onde escreve “ao poeta florentino de *A divina comédia*, seus sonhos e as violências perpetradas contra ele pelos colegas de escola” (MARTHA, 2009, p. 10). Numa explícita intertextualidade com *A divina comédia*, não é por acaso que o protagonista de *Todos contra Dante* (2008) recebe o mesmo nome do poeta italiano, pois Dill traça toda a trajetória do seu personagem de modo a estabelecer um paralelismo entre o poema renascentista e a vida moderna de um adolescente, demonstrando o que as passagens pelo Inferno, Purgatório e Paraíso podem significar no dia a dia de um jovem contemporâneo; propiciando, assim, o contato com o cânone literário de forma atrativa aos seus leitores.

Baseada em fatos reais, a narrativa de Dill problematiza um tema que muitas vezes é reduzido a curtas palestras escolares ou noticiários de tv, o que não é suficiente para erradicar ou prevenir a prática do *bullying*. Mas ao utilizar-se da verossimilhança literária, a qual possibilita ao leitor voltar-se com um olhar mais refinado para o mundo extratextual, a obra escancara a dor resultante de conflitos sociais como o *bullying*, promovendo uma profunda reflexão em torno do tema, mediante uma abordagem que impacta, por expor a realidade sem melindres.

O segundo é *Rabiscos* (2019), que em sua condição de livro ilustrado, tendo por ilustrador o artista Fernando Vilela, traz mais páginas contendo desenhos do que texto verbal,

numa clara tentativa de impregnar a materialidade do livro com a veracidade que se pretende doar à estória que é narrada, pelo narrador-protagonista que utiliza uma caderneta para rabiscar aquilo que vê, vive e sente. Assim, “*Rabiscos* pretende ser livro e, ao mesmo tempo, a materialização da própria caderneta que o adolescente protagonista-narrador tem em mãos na história” (RODRIGUES E LOTTERMANN, 2021, p. 114).

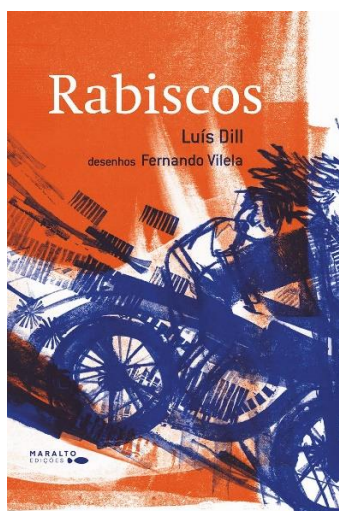


Fig. 2: Capa de *Rabiscos*

A narrativa se inicia com o protagonista, Jorginho, um adolescente de idade não informada, contando que foi deixado pela mãe em uma área de espera de um hospital apenas com uma caderneta, que ele usa para desenhar e fazer anotações, conteúdo por meio do qual passamos a conhecer sua história. Logo, acabamos descobrindo que a razão do garoto estar ali é o fato de seu padrasto, um motoboy chamado Jonatan, ter sofrido um acidente, demandando que ele e sua mãe grávida saíssem às pressas, no meio da noite, para o hospital. Enquanto espera, o garoto solitário vai revelando seus conflitos familiares e pessoais.

Diferente daquilo que o menino responde para si ao se autoquestionar sobre o que escreve, seus rabiscos não tratam sobre bobagens, mas deflagram um contexto que, segundo Rodrigues e Lottermann (2021):

é completo de temas fraturantes que permeiam a adolescência em nossa sociedade. São eles: a violência no trânsito, o machismo, o luto, o abandono parental, as dificuldades econômicas e sociais que atravessam as comunidades carentes do Brasil, entre outros. (RODRIGUES e LOTTERMANN, 2021, p. 122)

Todos esses temas atravessam o leitor, enquanto Jorginho vai, de forma despreziosa, mostrando a pobreza em que vive; a falta do pai ausente e de um irmão que morreu; os relacionamentos abusivos que sua mãe já teve; e o desrespeito furtivo que sofre por parte dela e do seu padrasto. Circunstâncias difíceis defrontam o garoto, e o levam a se sentir na obrigação de amadurecer depressa, tomando para si a responsabilidade de fazer sacrifícios.

Diante do exposto, é possível perceber o cunho inovador da obra de Luís Dill, demonstrado na exploração de elementos paratextuais; no diálogo entre os conteúdos verbais, visuais e materiais dos seus livros, que propicia as “possibilidades de ampliação e enriquecimento dos efeitos de sentido” (RODRIGUES e LOTTERMANN, 2021, p. 126); na intertextualidade com os clássicos e com as produções contemporâneas; na dinamicidade da linguagem empregada, e nas escolhas temáticas, pertinentes ao seu público-alvo e aos dilemas da modernidade.

3.2. Conhecendo a obra *100 mil seguidores*

100 mil seguidores (2019), livro selecionado como *corpus* de nossa análise, trata-se de uma novela juvenil que nos apresenta os conflitos existenciais de três garotas: as irmãs Carol e Ana, e a amiga desta última, Ticiane. Os cinquenta e três capítulos curtos dispostos em cento e duas páginas são de rápida leitura, e parecem mimetizar as cenas de uma novela televisiva, pois vão intercalando recortes do que se passa no dia a dia de Carol ou de Ana, as quais recebem maior atenção do narrador.

O foco narrativo mantém-se em terceira pessoa, trazendo um narrador onisciente, que abre espaço para a voz das personagens por meio do discurso indireto livre, forma pela qual também são introduzidos os diálogos. Assim, conhecemos os fatos narrados não somente por meio de uma fala que é exterior à história, mas também por meio da expressão dos sentimentos e pensamentos dos próprios personagens. A escolha por diferentes formas de narrar é, segundo Martha (2009), um importante sinalizador do “processo de identificação entre jovens leitores e os seres do mundo ficcional, que oferece aos receptores a possibilidade de refletir sobre sua condição e elaborar sua imagem enquanto seres-no-mundo” (MARTHA, 2009, p. 4-5), porquanto lhes entrega maior liberdade crítica do que a motivada por um ponto de vista unilateral e adulto. Outro fator que “diz respeito à necessidade de identificação do sujeito leitor com a obra” (ALMEIDA e CECCANTINI, 2018, p. 207) é a escolha pelo sujeito jovem como personagem central das narrativas, o que é recorrente na produção de Dill.

Assim como nas obras mencionadas anteriormente, nesta também há um jogo metalinguístico construído entre a narrativa e os elementos visuais do projeto gráfico do livro, o qual apresenta uma estética que reproduz imagens descritas no decorrer da novela, como a caderneta onde a personagem Ana costuma escrever, transpondo seus sentimentos:

Ana costuma anotar pensamentos na sua caderneta preta de capa de papelão com os cantos arredondados e elásticos de fechamento. O elástico é marrom. As páginas na cor marfim. (DILL, 2019, p. 15)

Ao ler o trecho reproduzido, logo discernimos que a linha vertical de cor marrom posta na lateral direita da capa do livro imita o elástico da caderneta de Ana, da qual também se replica a predominância da cor preta. Considerando os impasses próprios à logística da publicação de livros, talvez tenha sido por falta de recursos que as folhas utilizadas para impressão da obra não simularam as coloridas da caderneta descrita, sendo totalmente brancas e foscas, do tipo de mais baixo custo.



Fig. 3: Capa de *100 mil seguidores*

No entanto, há a lembrança da cor marfim posta no amarelo que colore uma faixa da parte central da capa da obra, onde é possível visualizar uma janela, e através dela a mesma paisagem que Carol vê pela janela de seu quarto: “Parreirais por toda parte, montanhas no horizonte.” (DILL, 2019, p. 9), geografia prevalecente em Cerro Alto do Sul, cidade interiorana onde se passa a estória e é rechaçada pela personagem Carol, que a considera “sem graça, perdida no tempo, escondida do mundo e, acima de tudo, sem charme” (DILL, 2019, p. 9).

Além disso, também estão ilustrados um vaso com uma planta, ao lado de um gato que possivelmente deve representar Amâncio, animal de estimação da família das irmãs protagonistas; sugerindo que o ambiente retratado é o de um cômodo da casa das meninas. Todas essas imagens ficam do lado direito da capa, pois o espaço do lado esquerdo foi reservado para a inscrição do nome do autor, título da obra e emblema da editora.

O universo das redes sociais, comumente implantado nas obras do autor, é anunciado desde o título da obra, que por falar de seguidores logo remete ao *Instagram*, rede social de compartilhamento de fotos e vídeos, em que os usuários são chamados de “seguidores” por acompanharem as postagens de outros. Na folha anterior à ficha catalográfica e abaixo da numeração de cada capítulo do livro, estão ilustrados os ícones principais da interface dessa rede, dando a impressão a quem lê o livro de que está, também, folheando a caderneta de Ana e navegando na internet.

Assim, a arte gráfica do livro condensa em si diversas referências da narrativa, tornando-as visíveis e palpáveis, o que dialoga diretamente com outras produções do autor, como as que aqui já foram apresentadas, as quais também seguem o padrão de expandir os sentidos do texto por meio da exploração dos elementos visuais postos nos projetos gráficos. A presença das temáticas sensíveis nas três obras aqui abordadas também não é coincidência, apenas testemunho do engajamento do escritor em representar as “mais variadas expressões e identidades juvenis que a todo momento emergem na sociedade multifacetada” (SOUZA, 2019, p. 436), com suas múltiplas vivências e impasses que reivindicam atenção.

3.3. As faces de uma juventude mutilada: como ler os temas sensíveis em *100 mil seguidores*

A narrativa inicia com a apresentação das personagens principais, tendo por primeira a ser conhecida Carol, uma jovem que tem como objetivo máximo de vida alcançar o marco dos 100 mil seguidores no *Instagram*, o que para ela redundaria na obtenção de notoriedade, riqueza e satisfação necessárias para ser feliz, como acredita que Veronica Burrows, sua musa midiática, é. O acesso constante às viagens, beleza, cultura e afeto exibidos pelos usuários famosos da rede social faz com que a garota se sinta cada vez mais insatisfeita com a realidade ao seu redor, impulsionando-a para o mundo alternativo da internet:

Carol faz biquinho, a boca bem vermelha. Levanta o queixo, arregala os olhos. Estica o braço com o celular, se enquadra e tira a foto.

Nem confere, sabe que ficou bem, tem experiência. Com rápidos movimentos dos polegares, posta a imagem na sua rede social. (DILL, 2019, p. 9)

A agilidade em postar uma foto, todavia, não abrange todo o tempo que Carol dedica se arrumando, sedenta por *likes*. A obsessão é tão grande que a leva a secundarizar sua vida estudantil, descumprindo a obrigação de estudar: “A prova é amanhã, mas ela não tem tempo, precisa compor o visual.” (DILL, 2019, p. 10). Dessa forma, não enxerga um palmo além da tela, e desconhece o conflito que sua irmã mais nova, de 13 anos, vivencia em outro cômodo próximo ao seu: “Ana não sabe definir o que sente. Contudo tem certeza de que não é algo bom.” (DILL, 2019, p. 15).

Descrita como uma garota muito organizada, introspectiva e de ótimo rendimento escolar, à primeira vista, Ana dificilmente seria apontada como uma adolescente em crise. Porém, através das suas personagens, Dill prova que as aparências enganam e escancara os dilemas com os quais convivem os jovens hodiernos. No caso de Ana, há sinais de que enfrenta uma depressão, mas mesmo que ela dê evidências disso, não é compreendida, como demonstra o trecho em que a empregada Gilda se incomoda com o hábito da garota se isolar:

Mas as cortinas ficam fechadas o dia inteiro. Ao sair para a escola, Gilda entra no quarto e deixa luz e ar fresco tomarem conta do ambiente. Não entende por que a menina insiste em transformar a peça tão bonita e espaçosa em uma caverna. Ao voltar da escola, Ana se tranca e acolhe a penumbra. (DILL, 2019, p. 14-15)

Outro sinal de que não está bem é o fato de manter-se sempre silenciosa, o que a fez ganhar o apelido pejorativo de “mudinha” pelos colegas da escola, o que se enquadra como *bullying* e que, apesar dela negar, lhe fere emocionalmente, fomentando seu estado deprimido e solitário, exprimido pelos versos escritos em sua caderneta: “meu mundo me sufoca / desabo dentro dele / me afogo / não tem ar / e o ar queima / queria gritar / mas sou a Mudinha / e mudos não são ouvidos.” (DILL, 2019, p. 44). A garota desabafa apenas com Ticiania, amiga em quem confia por experienciar circunstâncias semelhantes às suas:

as duas trocam impressões sobre suas tristezas, o rompimento, a família, as irmãs, a solidão, a falta de futuro, o medo, o espelho, a balança, várias insatisfações. A tristeza lhes dá afinidade até então desconhecida. Ana confessa ter raiva da irmã e dos pais. Também não gosto do meu corpo nem da minha cara, revela. (DILL, 2019, p. 23-24)

Ticiania é outra adolescente que sofre sozinha e também não dispõe de nenhuma rede de apoio. Apresenta discurso e comportamento mais violentos e deprimidos que Ana, para quem indicou a prática da automutilação, garantindo-lhe alívio das dores da alma. E como confirmação de que “o desenvolvimento da automutilação está relacionado com o conhecimento de outras pessoas que também se automutilam” (MORAES et al., 2020, p. 4), Ana adere ao hábito, sobre o qual escreve: “é minha tatuagem / que eu mesma fiz. / Eu era um balão / a ponto de explodir. / Me cortar / fez parar de soprar ar / pra dentro.” (DILL, 2019, p. 41). Desse modo, as personagens deixam explícito o desespero de não saberem lidar com suas emoções e problemas, recorrendo à automutilação na tentativa de esquecer o que de negativo lhes afeta, como comprovam pesquisas acerca do tema:

Estudos nacionais e internacionais abordam os motivos que levam o indivíduo a se automutilar. Dentre as causas mais comuns estão a tentativa de modular as reações emocionais que são intensas e comuns na adolescência, a baixa capacidade de resolver problemas, a dificuldade de comunicação, uma tolerância baixa ao estresse e a sensibilidade aumentada a emoções negativas, visto que se busca uma necessidade de comportamento extremo para lidar com essas situações (MORAES et al., 2020, p. 2)

A insatisfação com a própria imagem e a falta de perspectiva sobre o futuro é algo que Ana e Carol expressam constantemente, e apesar de viverem na mesma casa, as irmãs sequer imaginam estarem compartilhando os mesmos sentimentos, porquanto se encontram absortas em si mesmas, e o individualismo as leva a perderem a oportunidade de estabelecer um relacionamento em que poderiam oferecer suporte uma à outra. Um fator determinante tanto para o distanciamento entre as duas quanto para a vulnerabilidade aos problemas que enfrentam sozinhas é a ausência dos pais, que mal aparecem na estória; de forma que a comunicação entre os componentes da família praticamente inexistente, sendo realizada majoritariamente através de meios digitais e limitando-se a requisições de compras feitas pelas garotas aos responsáveis, que prontamente lhes concedem seus desejos, não atentando para o valor nem para o uso daquilo que elas adquirem, como comprova o trecho abaixo:

Dias atrás, Ana mandou mensagem para a mãe. Precisava de estojo com lâminas. Explicou: são necessárias em trabalhos escolares. Ana informou onde encontrar e qual a marca de sua preferência. Optou pela alemã, a mais cara. (DILL, 2019, p. 28)

Assim, ao eximir-se do esforço de fazer qualquer tipo de avaliação sobre a veracidade da razão do pedido, a própria mãe da menina torna-se financiadora do comportamento

autodestrutivo da filha, deflagrando a negligência parental da qual as adolescentes são vítimas, e que é apontada por pesquisadores (MORAES et al., 2020) como um dos principais fatores de risco para a prática de automutilação na adolescência. Em conformidade com isso, a falta de uma estrutura familiar harmônica promovida pela ação dos pais é manifestada por Ana e Ticiana durante diálogo:

Ticiana conta que a mãe vive brigando aos gritos com o pai. E eles nem são mais casados, ela acrescenta.

Os meus é como se não fossem, Ana desabafa. (DILL, 2019, p. 45)

Assim como o vício nas redes sociais, a lacuna deixada pelos pais também promove nas adolescentes um temperamento tempestivo, impaciente e rebelde, haja vista encontrarem-se carentes de afeto, regras e limites. Dessa forma, sentem-se incomodadas com a presença de adultos, e hora ou outra manifestam-lhes desrespeito, do qual Carol é a maior protagonista, impondo-se contra a autoridade de uma professora na escola e aproveitando-se de Gilda, doméstica de sua casa a quem foi terceirizado o cuidado dela e de Ana, e que mesmo já estando idosa e cansada para tanto trabalho que realiza, é tratada com desprezo pelas meninas, em detrimento de sua dedicação. Mesmo vendo-a mancar de dor, Carol ordena que Gilda atenda depressa aos seus pedidos, inclusive o de fotografá-la de biquíni próxima à piscina, estratégia na qual investiu a fim de chegar mais perto dos sonhados 100 mil seguidores. Os comentários que recebe no *Instagram* a respeito da sua beleza, entretanto, exigem a exposição apelativa do seu corpo e não correspondem à realidade da sua conduta; minúcias que já sinalizam o caráter *fake* das redes, apesar de Carol não perceber e alimentar sua frágil autoestima com elas.

O desenrolar dos acontecimentos vão ganhando proporções sérias rapidamente, o que não diz respeito somente às características de escrita do autor, mas também parece aludir ao próprio ritmo agitado das personagens, que se veem gradualmente mais presas a hábitos contraproducentes. A automutilação que a princípio era encarada apenas como um paliativo aos estresses de Ana e Ticiana logo se torna um vício autodeclarado de ambas, e a obsessão de Carol por obter relevância na internet a faz desregular seu sono, submeter-se a exposições íntimas de seu corpo, e admitir um envolvimento com seu professor de Educação Física, que flerta com ela pelo *Instagram*.

A complicação da narrativa se dá quando os pais de Ticiana descobrem suas lesões autoimpostas e ao invés de acolhe-la agem de forma punitiva e descontrolada, em uma tomada de atitude que não a protege, mas traz a público seu conflito pessoal, fazendo-a se sentir mais incompreendida e magoada:

Ticiana desabafa: O pior são as pessoas, os parentes, os vizinhos, dizendo que me corto para aparecer. Elas não entendem, eu quero mesmo é desaparecer. Elas não sabem de nada, não me entendem, nem sei se eu me entendo. ((DILL, 2019, p. 75)

A fala de Ticiana revela a ignorância que cerceia a automutilação na adolescência, que apesar de ser “um relevante problema de saúde pública” (MORAES et al., 2020, p. 2), não é tratada como tal, pois muitos a consideram uma mera maneira do adolescente se exibir, o que faria dele alvo justificável de reprovação e deboche. Assim, ao focalizar esse tema sensível, retratando vividamente os impasses que experimentam os jovens que praticam a automutilação, a narrativa contribui para a desestigmatização dessas pessoas, chamando atenção para as razões que as levam a se lesionar, o que possibilita ao leitor uma inclinação de solidariedade e empatia em direção a elas.

Enquanto Ticiana precisa enfrentar os pais, Ana se permite construir uma nova amizade com Renato Augusto, um colega com quem foi obrigada a desenvolver um trabalho escolar, mas que por demonstrar apreciar sua presença e importar-se com ela, paulatinamente consegue quebrar sua retração, e até mesmo fazê-la sair de casa para um passeio casual, onde ela se vê abstraindo dos seus problemas sem o auxílio de lâminas:

Ela ri das coisas que o colega fala. Não se lembra de Ticiana, sequer apanha o celular, fica alheia aos assuntos do momento. Ana sente vergonha das cicatrizes nos braços e, pela primeira vez, experimenta o arrependimento. (DILL, 2019, p. 94).

A obtenção de uma amizade saudável é um marco decisivo na vida de Ana, porque a faz perceber que nem todo mundo a desmerece, e que o cultivo de relacionamentos comuns pode lhe proporcionar momentos valorosos. Dessa forma, não mais fechada em si mesma, ela consegue captar a dor do outro, sensibilizando-se:

Quando chega em casa, vê Gilda mancando enquanto limpa o pátio. Algo aperta o coração de Ana e seu sangue esquenta. Há quanto tempo ela trabalha para sua família? Desde antes de sua irmã mais velha nascer. Aproxima-se. Tá com dor?
Gilda se assusta: não está acostumada com preocupação alheia, só com ordens. É meu joelho, querida, mas não é nada.
Vou buscar a aspirina, Ana diz, e corre até a caixa de remédios no banheiro dos pais. (DILL, 2019, p. 94)

É importante notar, também, que a atitude empática manifestada por Ana para com Gilda apenas se dá após o contato presencial e contínuo da menina com Renato Augusto, o que pode ser entendido como um indicador da necessidade de os jovens estabelecerem conexões interpessoais fora dos ambientes virtuais, os quais suscitam o isolamento social e a dificuldade de se expressar verbalmente, situações relacionadas ao desenvolvimento da automutilação na adolescência (MORAES et al., 2020).

Clarificando o imenso poder do mundo virtual sobre os jovens, Ticiania anuncia a Ana o desejo de “experimentar algo visto na internet” (DILL, 2019, p. 80), que no antepenúltimo capítulo descobrimos tratar-se do ato de suicídio, revelando a que ponto um adolescente não assistido pode chegar, como concordam estudos que “associaram a automutilação com a ideação suicida e/ou tentativa de suicídio” (MORAES et al., 2020, p. 6). A menina realiza o ato em meio a uma transmissão ao vivo pelo *Instagram*, onde “Algumas pessoas a incentivam a fazer logo, querem ver, não têm o dia todo.” (DILL, 2019, p. 98), transformando uma tragédia em espetáculo, mutação corriqueira dentro da *web*. Dessa forma, o suicídio é retratado na narrativa como último recurso de escape ao sofrimento, sendo praticado quando a personagem se vê sem mais alternativas de transpor sua condição de angústia.

Além desse acontecimento, os perigos e as farsas que permeiam as redes sociais podem ser observados quando a personagem Carol descobre que Veronica Burrows, sua influenciadora preferida, não é tão poderosa como o *Instagram* mostra, tratando-se, na verdade, de uma moradora de periferia que, utilizando “imagens da internet e programas de computador para fazer as montagens” (DILL, 2019, p. 99) facilmente criou a personagem famosa, “pois queria se sentir amada” (DILL, 2019, p. 99). E para seu espanto maior, todos ficam sabendo que o professor de Educação Física foi vítima da criação de um perfil *fake* na rede social, levando-o a tomar providências judiciais contra o crime, resolução que amedronta a jovem, tendo em vista as mensagens comprometedoras que trocava com o usuário falso.

Como não poderia ser diferente, as notícias deixam Carol perplexa e apontam para a alarmante realidade de que, segundo demonstram resultados de pesquisa do Comitê Gestor da Internet no Brasil (CGI.br), realizada em 2019, grande parte dos jovens não sabe verificar se uma informação divulgada na internet é falsa ou não, o que lhes torna “fortemente afetados pelos desafios trazidos pela desinformação” (CGI.br, 2020, p. 127). Assim, a personagem chega ao fim da narrativa “estranhamente paralisada” (DILL, 2019, p. 102), ciente de ter se precipitado ao deixar-se envolver pela teatralidade subjacente à rede, que, ironicamente, acumulou 100 mil seguidores para o perfil de Ticiania enquanto ela se suicidava.

Após o sepultamento da amiga, em um instante reflexivo e apavorado, Ana questiona-se: “Morrer será meu destino?” (DILL, 2019, p. 102), cena em que é possível observar a adolescente ser representada como principal responsável pela própria vida, capaz de reconhecer a necessidade de reavaliar seu comportamento e de decidir mudar, aspecto notado por Martha (2011) ao estudar as narrativas juvenis contemporâneas, onde:

As personagens adolescentes não são construídas como ainda-não-adultos ou como já-não-mais-crianças; são portadoras de uma identidade própria e completa e se envolvem em situações que as obrigam a refletir e a reformular conceitos que possuem a respeito de si mesmas e do mundo. (MARTHA, 2011, p. 9)

Por isso, o narrador deixa o futuro de Ana e de Carol em aberto, dando a entender que delas depende a possibilidade de alterar as circunstâncias às quais se sentiam condicionadas. Dessa forma, não temos, nesta estória, um desfecho que sugira a resolução dos problemas abordados, mas sim um despertar a respeito da gravidade deles, o que se nota pelo tom preocupado com que as irmãs protagonistas, diante dos ocorridos que a vida lhes traz, começam a encarar os hábitos que antes lhes pareciam inofensivos, dando a eles a devida seriedade.

Ademais, para além do foco na retratação dos problemas juvenis emergentes, como o da automutilação, foi possível verificar que a novela de Dill contempla diversos tipos de dilemas concernentes à nossa época, como a propagação de inveracidades na internet; o *bullying*; a vulnerabilidade a maus tratos que a pessoa idosa está sujeita a sofrer, ainda mais quando se encontra em situações de subalternidade, como a da empregada Gilda; e o esfacelamento das relações interpessoais promovida pela dependência digital, que tem atingido sujeitos de todas as idades, apesar dos mais afetados serem os adolescentes (SILVA, 2016).

Todavia, vemos todos esses temas sendo abordados de forma metaforizada, por meio da construção das personagens, que, a partir do tratamento estético da linguagem, “meio bastante eficaz de se trabalharem temas de natureza considerada forte e dolorosa, que suscitem no leitor sua identificação com a dor gerada por sofrimentos” (AGUIAR, 2022, p. 20), têm o poder de propiciar o sentimento de catarse ao final da narrativa, ampliando a experiência de mundo e capacidade de compreensão do leitor através da atividade de leitura.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir deste trabalho foi possível observar de que forma o livro *100 mil seguidores* (2019) aborda os temas da automutilação, suicídio e dependência digital na adolescência. Para isso, verificamos, inicialmente, quais são as principais características da Literatura Juvenil, segmento no qual a obra está inserida, e que, conforme descobrimos ao delimitarmos sua constituição histórica, apresenta definições que “comportam um sistema complexo, que envolve concepções mercadológicas, estudos acadêmicos, recepção e construção social da identidade do jovem leitor.” (ALMEIDA, 2021, p. 18).

Além disso, também refletimos sobre a importância que carregam as narrativas desse gênero que se propõem a levantar discussões acerca de temas sobre os quais os adultos costumam evitar, sobretudo no diálogo com jovens, os quais, em contrapartida, têm enfrentado problemas que demandam abertura e compreensão daqueles com quem convivem, e da sociedade em geral, como evidenciou nossa análise da obra *100 mil seguidores* (2019). Por mais desconfortáveis que sejam, os temas apresentados pela narrativa alertam para os perigos e os sofrimentos que inúmeros adolescentes enfrentam sozinhos, e que têm tomado proporções gigantescas, já que frequentemente desdobram-se em casos judiciais ou de saúde.

Assim, a partir de nossa análise, foi possível notar a relevância que têm as obras pertencentes ao recorte literário que nos propomos a pesquisar, sobre a formação tanto do leitor jovem quanto do adulto, tenha ele experienciado ou não situações análogas às representadas na ficção, pois além do conhecimento que a leitura literária lhe possibilita acerca dos temas, também surpreende e comove, tendo em vista o tratamento estético da linguagem, que redireciona o olhar do leitor para a realidade dos problemas que permeiam o seu tempo, uma vez que impulsiona-o a refletir sobre a vida.

Haja vista o intento educacional de preparar o aluno para a vida em sociedade, o que não pode estar desvinculado do contato com o que foi e é produzido em literatura, esperamos, com as discussões levantadas nesta pesquisa, nortear o trabalho de educadores que encontram-se “divididos entre as literaturas que cursaram durante os anos como estudantes de licenciatura e uma gama de lançamentos que o mercado editorial despeja nas livrarias todos os anos e cujas possibilidades de análise simplesmente desconhecem” (GREGORIN FILHO, 2019, p. 5), a fim de auxiliá-los na seleção e divulgação de obras juvenis que demonstram ter grande potencial em despertar o diálogo e interesse dos discentes, uma vez que contemplam suas inquietações.

Pretendemos também, com este trabalho, propagar discussões acerca da Literatura Juvenil no âmbito acadêmico, tendo em vista ser impossível que o gênero apareça de modo

adequado nas escolas sem que antes seja legitimamente reconhecido nas universidades, onde ainda é comum sentir a falta de direcionamento sobre “avaliações/escolhas de obras e de instrumentais adequados para as novas gerações” (GREGORIN FILHO, 2019, p. 5), já que na academia muitos “simplesmente rotulam essas obras como “literatura de menor valor” em razão do público a que se destinam” (GREGORIN FILHO, 2019, p. 5), o que favorece a condição de invisibilidade da qual é vítima a juventude.

REFERÊNCIAS

- AGUIAR, Hellen Jacqueline Ferreira de Souza Dantas de. **Quem tem medo de literatura? As dores humanas materializadas nos textos literários**. 2022. 53 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação). – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba (IFPB), Curso Superior de Licenciatura em Letras a Distância, João Pessoa, 2022. Disponível em: <<https://repositorio.ifpb.edu.br/jspui/bitstream/177683/1818/1/Quem%20tem%20medo%20da%20lit-%20As%20dores%20hum%20mat%20nos%20t%20lit%20-%20Hellen%20J.%20Aguiar.pdf>>. Acesso em: 28 de jan. de 2023.
- ALMEIDA, Aline Barbosa; CECCANTINI, João Luís Cardoso Tápias. Dick Silva no mundo intermediário: a experiência de morte na narrativa juvenil. **Revista Leia Escola**, v. 18, n. 3, p. 204-214, 2018. Disponível em: <<http://ch.revistas.ufcg.edu.br/index.php/Leia/article/view/1260/1220>>. Acesso em: 02 de mai. de 2023.
- ALMEIDA, Aline Barbosa de. **A literatura juvenil de Luís Dill (1965): o estético e o social na narrativa contemporânea**. 2021. 347 f. Tese (Doutorado em Letras). – Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Assis, 2021. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/204174/almeida_ab_dr_assis.pdf?sequence=3>. Acesso em: 02 de abr. de 2023.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base nacional comum curricular**. Brasília, DF: MEC, 2018.
- CECCANTINI, João Luís. Literatura juvenil brasileira no horizonte (2008-2019). In: DO RÊGO MONTEIRO, Dheiky; MAGALHÃES, Maria do Socorro Rios; CECCANTINI, João Luís. **Livro Juvenil: Estética, crítica e experiência literária**. Paco e Littera, 2022.
- CGI.br, Comitê Gestor da Internet no Brasil. TIC Kids Online Brasil 2019. São Paulo: Comitê Gestor da Internet no Brasil, 2020. Disponível em: <https://www.cgi.br/media/docs/publicacoes/2/20201123093344/tic_kids_online_2019_livro_eletronico.pdf>. Acesso em: 11 de mai. de 2023.
- SOUZA, Danilo Fernandes Sampaio de. Literatura censurada: o politicamente (in) correto na literatura para crianças e jovens. **Linguagens-Revista de Letras, Artes e Comunicação**, v. 13, n. 3, p. 430-444, 2019. Disponível em: <<https://bu.furb.br/ojs/index.php/linguagens/article/download/9471/4818>>. Acesso em: 02 de fev. de 2023.
- DIAS, Eliene da Silva; CARVALHO, Diógenes Buenos Aires de. A literatura juvenil contemporânea: breves considerações sobre a formação de um subsistema literário. **Miscelânea**, v. 26, p. 257-269, 2019.
- DILL, Luís. **100 mil seguidores**. Porto Alegre: Casa 29, 2019.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Minidicionário da língua portuguesa**. 4ª Edição. Editora Nova Fronteira, 2001.

GREGORIN FILHO, José Nicolau. Adolescência e literatura: entre textos, contextos e pretextos. **FronteiraZ. Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em Literatura e Crítica Literária**, n. 17, p. 110-120, 2016. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/fronteiraz/article/download/29044/21328>>. Acesso em: 01 de ago. de 2022.

GREGORIN FILHO, José Nicolau. Literatura infantil/juvenil, sociedade e ensino. **Anais do 16º COLE**, p. 01-10, 2019. Disponível em: <https://alb.org.br/arquivo-morto/edicoes_anteriores/anais16/prog_pdf/prog11_01a.pdf>. Acesso em: 04 de mai. de 2023.

LIRA, Layne Maria dos Santos Batista. **O contemporâneo na literatura infantil: temas fraturantes na infância**. 2021. 75 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Universidade Federal da Paraíba, Licenciatura em Língua Portuguesa, João Pessoa. 2021. Disponível em: <<https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/123456789/21524/1/TCC%20-%20LAYNE%20MARIA%20%28FINALIZADO%29%20%281%29.pdf>>. Acesso em: 05 de fev. de 2023.

LITERATURA PUC-SP. Mesa redonda 2: literatura juvenil: perspectivas. Youtube, 07 de outubro de 2021. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=XbXUT7ZYwRc>>. Acesso em: 20 de jul. de 2022.

LUFT, Gabriela. A literatura juvenil brasileira no início do século XXI: autores, obras e tendências. **Estudos de literatura brasileira contemporânea**, p. 111-130, 2019. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/elbc/a/Frg9RcVgSq3Y3zvR3rHdgVB/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 28 de jun. de 2022.

MARTHA, Alice Aurea Penteado. Narrativas de Língua Portuguesa: temas de fronteira para crianças e jovens. **Simpósio mundial de estudos de língua portuguesa – a língua portuguesa: ultrapassar fronteiras, juntar culturas**, 2, 2009, Évora. Anais do II Simpósio Mundial de Estudos de Língua Portuguesa – a Língua Portuguesa: ultrapassar fronteiras, juntar culturas. Évora: Universidade de Évora, 2009. Disponível em: <<https://arquivo.pt/wayback/20170222132841/http://www.simelp2009.uevora.pt/pdf/slt59/02.pdf>>. Acesso em: 26 de jan. 2023.

MARTHA, Alice Áurea Penteado. Temas e formas da narrativa juvenil brasileira contemporânea. **Anais do SILEL**, v. 2, n. 2, p. 1-9, 2011. Disponível em: <http://www.ileel.ufu.br/anaisdosilel/wp-content/uploads/2014/04/silel2011_2498.pdf>. Acesso em: 28 de jun. de 2022.

MORAES, Danielle Xavier et al. “Caneta é a lâmina, minha pele o papel”: fatores de risco da automutilação em adolescentes. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 73, 2020. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/reben/a/PHCSPVm5wQncdn6LfdxWV9K/?lang=pt>>. Acesso em: 14 de abr. de 2023.

PORTO, Ana Paula Teixeira; BATTISTI, Roselei. Literatura juvenil brasileira: narrativas do século XXI. **Literatura em Debate**, v. 10, n. 18, p. 222-232, 2016. Disponível em: <<https://www.revistas.fw.uri.br/index.php/literaturaemdebate/article/download/2409/2137>>. Acesso em: 01 de jul. de 2023.

RAMOS, Ana Margarida; FONSECA, Ana Daniela. Tendências da literatura juvenil contemporânea: os temas fraturantes na obra de Ana Saldanha. **Literartes**, n. 4, p. 89-106, 2015. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/literartes/article/download/89312/107522>>. Acesso em: 10 de fev. de 2023.

RODRIGUES, Sílvia de Fátima Pilegi; SOUZA, Renata Junqueira de. TABUS E TEMAS POLÊMICOS—A LITERATURA INFANTIL E JUVENIL SOB CENSURA. **Caderno de Letras**, n. 38, p. 183-199, 2020. Disponível em: <<https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/cadernodeletras/article/viewFile/19173/1259>>. Acesso em: 02 de fev. de 2023.

RODRIGUES, Severino; LOTTERMANN, Clarice. Rabiscando sentidos no livro ilustrado para jovens: análise da obra Rabiscos, de Luís Dill e Fernando Vilela. **Revista Leia Escola**, v. 21, n. 1, p. 113-127, 2021. Disponível em: <<http://revistas.ufcg.edu.br/ch/index.php/Leia/article/view/2103>>. Acesso em: 01 de set. de 2022.

SILVA, Thayse. O. **Os impactos sociais, cognitivos e afetivos sobre a geração de adolescentes conectados às tecnologias digitais**. 2016. 27 f. Trabalho de conclusão de curso (Graduação) – Universidade Federal da Paraíba, Curso de Psicopedagogia, João Pessoa, 2016. Disponível em: <<https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/123456789/1867/1/TOS14062016.pdf>>. Acesso em: 01 de mai. de 2023.

SOUZA, Ellen Kelly Lima de. **Literatura e cibercultura: uma análise de "Todos contra Dante" e "Do coração de Telmah"**, de Luís Dill. 2017. 113 f. Dissertação (Mestrado em Letras). – Universidade Federal do Piauí, Área de Concentração: Literatura, Memória e Cultura, Teresina, 2017. Disponível em: <<https://sistemas2.uespi.br/handle/tede/132>>. Acesso em: 15 de dez. 2022.

TURCHI, Maria Zaira. Narrativas juvenis: a inovação literária em busca do leitor. **FronteiraZ**, n. 17, p. 81-92, 2016. Disponível em: <<https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=5759241>>. Acesso em: 08 de jul. de 2022.

ZILBERMAN, Regina. Leituras brasileiras para crianças e jovens: entre o leitor, a escola e o mercado. **Gragoatá**, v. 19, n. 37, 2014. Disponível em: <<https://scholar.archive.org/work/sdxfpf4buvghfcdwbr3rohwcwry/access/wayback/https://periodicos.uff.br/gragoata/article/download/32994/18981>>. Acesso em: 07 de ago. de 2022.